



## **Geografia e inclusão: a importância da afetividade na percepção do espaço por pessoas com deficiência física motora.**

*Geography and inclusion: the importance of affectivity in the perception of space by people with motor physical disabilities.*

**Juliandersson Victoria Alexandre<sup>1</sup>**

Universidade Federal de Pelotas  
[juliandersonvictoria@gmail.com](mailto:juliandersonvictoria@gmail.com)

**Liz Cristiane Dias<sup>2</sup>**

Universidade Federal de Pelotas  
[liscdias@gmail.com](mailto:liscdias@gmail.com)

**Resumo:** O estudo voltado para a temática da inclusão de pessoas com deficiência física motora vem sendo abordada em várias áreas do conhecimento, a Geografia contribui com sua análise do espaço em diferentes olhares por este público. O artigo a seguir tem como objetivo analisar a importância da afetividade na inclusão de sujeitos com deficiência física motora, trata-se de uma atividade realizada com uma turma do 6º semestre do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Pelotas/RS para um trabalho de conclusão de curso do mesmo. A atividade tem como proposta mostrar algumas situações do cotidiano vivenciadas por pessoas com algum tipo de necessidade física motora, através de encenações divididas e apresentadas em pequenos grupos, promovendo o debate da importância dos aspectos afetivos e sua relação com a percepção do espaço. Como resultado pode-se observar a importância da afetividade no processo de inclusão de sujeitos com deficiência física motora e as diferentes percepções do espaço de acordo com as peculiaridades de cada situação apresentada e questionada em grupo.

**Palavras-chave:** Inclusão, Afetividade, Ensino de Geografia, Deficiente Físico Motor.

**Abstract:** The study focused to the topic of the inclusion of people with motor physical disabilities has been approached in several areas of knowledge, the Geography contributes with their analysis of the space in different views for this public. The following article aims to analyze the importance of affection in the inclusion of subjects with motor physical disabilities, it is an activity carried out with a group of the 6th semester of the degree course in Geography of the University Federal de Pelotas/RS for a work of completion course of the same. The activity is intended to show some everyday situations experienced by people with some kind of motor physical need, through divided scenarios and presented in small groups, promoting the debate of the importance of the affective aspects and their relation with the perception of space. As a result it can be observed the

<sup>1</sup> Mestrando em Geografia pela Universidade Federal de Pelotas.

<sup>2</sup> Professora Adjunta do Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal de Pelotas.

importance of affection in the process of inclusion of subjects with motor physical disability and the different perceptions of the space according to the peculiarities of each situation presented and questioned in a group.

**Keywords:** Inclusive Education, Geography Teaching, Physically Disabled.

## Introdução

Sabemos que o processo de inclusão contempla a aceitação das diferenças em nosso conjunto atual de sociedade e todos os seus processos culturais, sociais e econômicos. As minorias sofrem com a segregação e a discriminação por estarem relacionadas ao estereótipo que é tido como o certo.

Neste contexto a inclusão destas minorias em todos os ambientes públicos necessita ser prioridade, a fim de promover o entendimento da diversidade existente que é respaldado por políticas públicas. De acordo com Mantoan (2001) ao não lidarmos com as diferenças “não percebemos a diversidade que nos cerca, nem os muitos aspectos em que somos diferentes uns dos outros”.

Para a Geografia um desses aspectos de diferença materializa-se na concepção e percepção do espaço que construímos ao longo de nossa existência. No caso da deficiência físico-motora a relação sujeito e espaço são intrínsecos ao ato de pensar e agir, sendo que os alunos com dificuldades motoras necessitam conhecer e decifrar o espaço antes mesmo de interagir com ele, a fim de, posteriormente se apropriarem do mesmo.

A deficiência física motora refere-se ao comprometimento do aparelho locomotor que compreende o sistema ósteo-articular, o sistema muscular e/ou o sistema nervoso.

O objetivo principal deste artigo é evidenciar a importância da afetividade no processo de inclusão em conjunto com a percepção dos espaços por sujeitos com deficiência física motora.

No entanto, para justificar tal preocupação com o processo de inclusão trago a minha condição de aluno deficiente físico-motor do Programa de Pós Graduação em Geografia (Mestrado) PPGeo na Universidade Federal de Pelotas (UFPeL), onde desde a graduação trago minhas observações em relação a percepção do espaço por pessoas com necessidades físicas e seus laços com a Geografia, e portanto, para demonstrar tal importância o artigo apresenta um pequeno recorte metodológico do trabalho de conclusão de curso defendido no final de 2015 no curso de Licenciatura em Geografia da UFPeL.

Metodologicamente a proposta do artigo é trazer as considerações de uma atividade com grupo focal realizada com uma turma de graduação do curso de Licenciatura em

Geografia, que teve como objetivo principal destacar a importância da afetividade no processo de inclusão de pessoas com deficiência física motora em situações corriqueiras do cotidiano e suas relações com o espaço.

### **A inclusão e a Geografia**

A inclusão escolar em particular aos alunos com deficiência físico-motora, vai além das modalidades de ensino e só terá êxito se houver adequações de espaço físico. A lei atual de diretrizes e bases da educação nacional lei n 9394/96, no artigo 59, preconiza que os sistemas de ensino devem assegurar aos alunos currículo, métodos, recursos e organizações específicas para atender as suas necessidades e sem dizer que muitas vezes as barreiras estão escondidas, oriundas de condições de acessibilidade, da organização escolar e do currículo (BRASIL 1996).

Rodrigues (2008) explica que tal processo de inclusão é complexo e necessita do cumprimento das políticas públicas para ter o efeito necessário, pois, a inclusão tem seu fator principal de estudo nas minorias, que em geral sofrem algum tipo de discriminação.

Em 2008 o Ministério da Educação estabeleceu a política nacional de educação especial com perspectiva na educação inclusiva, onde atende na escola regular todos os alunos com alguma deficiência ou transtorno global do desenvolvimento, orientando as instituições de ensino a promoverem as respostas para suas necessidades.

Acompanhando o processo de mudança, as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica, Resolução CNE/CEB nº 2/2001, no artigo 2º, determinam que:

Os sistemas de ensino devem matricular todos os alunos, cabendo às escolas organizarem-se para o atendimento aos educandos com necessidades educacionais especiais, assegurando as condições necessárias para uma educação de qualidade para todos. (MEC/SEESP, 2001).

Tais experiências voltadas para a universidade e a realidade do aluno com alguma necessidade especial referente a deficiência física/motora estão sempre transformando o espaço geográfico, pois a apropriação do espaço é pensada e analisada de forma diferente na sua apropriação para um deficiente físico, em particular as necessidades motoras deste indivíduo.

Em julho de 2015 foi sancionada a nova lei de inclusão das pessoas com deficiência que apesar de conter alguns vetos entrará em vigor em Janeiro de 2016, onde preconiza vários itens que agora serão tratadas de forma institucional na legislação brasileira, propõe-se como

base para investigação desse tema o capítulo IV referente ao direito a educação onde no seu Art.27 relata:

A educação constitui direito da pessoa com deficiência, assegurados um sistema educacional inclusivo em todos os níveis e o aprendizado ao longo de toda a vida, de forma a alcançar o máximo desenvolvimento possível de seus talentos e habilidades físicas, sensoriais, intelectuais e sociais, segundo suas características, interesses e necessidades de aprendizagem. (BRASIL, 2015).

Em parágrafo único é colocado que é dever do estado, da família e das escolas em conjunto com a sociedade assegurar educação de qualidade para a pessoa com deficiência, repudiando qualquer forma de violência, discriminação ou negligência.

O capítulo que trata da educação é relatado até o artigo 30 da lei da inclusão, com várias resoluções no que diz ao direito a acessibilidade em ambientes escolares públicos e privados, sistema educacional inclusivo em todos os níveis de ensino e implementação de conteúdos curriculares referentes a pessoa com deficiência em cursos de nível superior e de educação profissional técnica e tecnológica.

As políticas públicas para inclusão não podem se tornar apenas status para o ensino superior, pois a inclusão é muito mais que estruturas com rampas e sinalizações, é algo social que interfere diretamente com a cidadania de cada pessoa, sendo preciso evoluir em aspectos acadêmicos como a formação de professores que terá depois nas escolas de currículo diversificadas situações de inclusão, “ficando no ar” aquela pergunta: O que fazer? Como agir?

Tem-se como maior reivindicação neste contexto de inclusão no ensino superior o fato das políticas públicas que garantem aspectos como acesso, autonomia e segurança nos ambientes públicos para os indivíduos com alguma deficiência física, sensorial ou neurológica em especial os de licenciatura, tenham em seus planos pedagógicos ferramentas curriculares sobre o tema, consolidando uma base para formação dos futuros professores, que de subsídios para uma formação acadêmica humanizada e de acordo com a legislação, onde a lei da Inclusão no capítulo referente a educação no seu artigo 28 – parágrafo XVI orienta: “A inclusão de conteúdos curriculares, nos cursos de nível superior e de educação profissional técnica e tecnológica, de temas relacionados à pessoa com deficiência nos respectivos campos de conhecimento”.

No contexto geográfico a pesquisa aborda a percepção do espaço de vivência e o sentimento de pertencimento que um indivíduo com necessidades motoras está diariamente submetido, se torna interessante analisar os ambientes acadêmicos dos cursos onde estudam estes alunos como um lugar de vivência em sua análise geográfica, pois o mesmo pode trazer elementos como relata Santos (2009), os objetos que interessam à Geografia podem ser tanto móveis quanto imóveis, sendo do domínio tanto da Geografia Física quanto da Humana, evidenciado neste exemplo com questões de conteúdo social e suas formas espaciais.

Vale destacar neste momento o “lugar” como forma de pertencimento e identidade, compreendidos pela razão humana, onde podemos novamente destacar o lado afetivo, pois para o deficiente físico motor o espaço só se tornará lugar depois que ele conseguir vencer as barreiras existentes e se apropriar de maneira segura e autônoma do ambiente, situação destacada pelos alunos nas suas respostas.

Com a evolução do conceito de lugar, sobretudo pelas contribuições de autores como Yi-Fu, partindo da compreensão do ser sobre a realidade e não da realidade em si, esta tida como inatingível. Por isso, o lugar ganhou a ideia de significação e, mais do que isso, de afeto e percepção evidenciando as experiências do cotidiano.

Esta temática com o recorte da inclusão do deficiente físico-motor no ensino superior é de extrema importância social, pois possibilita igualdade entre os sujeitos independente dos ambientes, sem dizer que algumas motivações podem gerar ações relacionadas a afetividade para superação das barreiras que tornam o deficiente físico-motor como excluído da sociedade.

### **Deficiência Física Motora e Afetividade**

Segundo o Decreto 3.956 (2001), entende-se por deficiência: "uma restrição física, mental ou sensorial de natureza permanente ou transitória, que limita a capacidade de exercer uma ou mais atividades essenciais da vida diária, causada ou agravada pelo ambiente econômico e social".

A dedicação de alunos com deficiência física-motora em continuar os estudos no ensino superior está estreitamente ligada as instituições em possibilitar em forma de igualdade seu ingresso e circulação nos espaços acadêmicos e assim possibilitar uma vivência mais afetiva ao longo da graduação, como o convívio com colegas e professores.

O estudo teve como pressuposto que o sentimento de afeto é primordial para este indivíduo superar e compreender suas necessidades e se tornar incluído em igualdade de

oportunidades, pois a afetividade, seja nas relações familiares ou na relação professor e estudante, é a emoção, em virtude de mobilizar ações. “Quando falamos de emoções são os diferentes domínios de ações possíveis nas pessoas e animais, e as distintas disposições corporais que os constituem e realizam” (MATURANA, 1998, p. 22).

Neste aspecto toma-se aqui as experiências do autor desse trabalho, como deficiente físico-motor e suas vivências no período de graduação diretamente ligadas a processos de afeto, pois entre colegas e professores do curso de Geografia da UFPel, houve um sentimento que para o desempenho acadêmico não haveria ligações com o tipo de deficiência e sim um aprendizado de superação de barreiras através de atividades que fazem entender melhor a situação do deficiente físico-motor e as relações com o espaço, em especial referente a sua apropriação, algo que neste contexto se mostra diferente dos demais colegas que não tem esta necessidade.

Esta reflexão se deve extremamente ao curso de Geografia e seus estudos voltados ao espaço como ambiente social, e de relações da natureza com a sociedade, onde para haver um contexto de inclusão no ensino primeiro tem que haver uma aceitação própria, neste caso se aceitar como deficiente físico-motor e relacionar os conceitos geográficos com o cotidiano, refletindo em confiança e segurança para o diálogo.

Wallon (1975) traz a dimensão afetiva como ponto fundamental em sua teoria psicogenética. As emoções, assim como os sentimentos e os desejos, são manifestações da vida afetiva. Na linguagem comum costuma-se substituir emoção por afetividade, tratando os termos como sinônimos. Todavia, não o são.

A afetividade é um conceito mais abrangente no qual se implantam várias manifestações. Wallon (1975) já destaca que a afetividade, além de ser uma das dimensões da pessoa, é uma das fases mais antigas do desenvolvimento, pois o homem logo que deixou de ser puramente orgânico passou a ser afetivo e, da afetividade, lentamente passou para a vida racional.

Nesse sentido, a afetividade e inteligência se misturam, havendo o predomínio da primeira e, mesmo havendo logo uma diferenciação entre as duas haverá uma permanente reciprocidade entre elas.

Neste conjunto de ideias podemos destacar alguns fatores importantes relacionados a inclusão e a afetividade pois, segundo Henri Wallon, deve-se colocar no mesmo grau de importância os aspectos motores, afetivos, cognitivos, pessoais e sociais. “O homem é um ser

biológico, é um ser social e é uma e a mesma pessoa.” (WALLON, 1975, p. 128-129), demonstrando que todos estes fatores constituem nossa identidade, proporcionando uma reflexão do “ser”, como realmente nos constituímos neste meio social que vivemos, quais realmente são nossas contribuições quanto cidadão, e até onde conseguimos agir como seres humanizados.

Vale destacar que as relações entre inclusão e afetividade podem ser embasadas por estudos como de Humberto Maturana que destaca que existem certos fenômenos que não ocorrem dentro do nosso corpo, e sim nas relações com outros indivíduos (MATURANA, 2002, p. 27). Além do que, compreende-se necessário que esse aluno também seja capaz de relacionar-se com o espaço em que está inserido, podendo extrair e imprimir no mesmo, manifestações da sua identidade e sua capacidade motora aspecto intrínseco da sua relação com o espaço e, por conseqüência com o mundo e que deve ser aceito e incluído por uma sociedade que entenda que, todos nós somos diferentes.

### **Metodologia da atividade em grupo**

Está atividade visou abordar a inclusão a partir de diferentes categorias de análise da Geografia, são elas: espaço, percepção e vivência.

O espaço como diferenciação no modo de pensar sua percepção por estes indivíduos com necessidades físicas, e o sentimento relacionado as suas vivências, algo que pode não se concretizar se estas barreiras não forem superadas, tanto por adequações que a instituição tem o dever de fazer de acordo com a legislação, quanto a superação pela mobilização, algo intrínseco as questões relacionadas a afetividade discutidas na pesquisa.

Temos como processo de coleta de dados o grupo focal segundo Meier e Kudlowies (2003) como conjunto de pessoas, ligadas entre si por constante de tempo e espaço, articuladas por sua mútua representação interna, se propõe explícita ou implicitamente uma tarefa, que constitui sua finalidade.

A atividade com o grupo focal no curso de Licenciatura em Geografia se deu com uma turma do 6º semestre de aproximadamente 20 alunos e se deu em três momentos: apresentação de um vídeo relacionado a inclusão, slides destacando a geografia e o deficiente físico-motor no ensino superior com conceitos relacionados a pesquisa do tema e, por fim foi apresentada uma proposta de divisão em pequenos grupos para resposta de um questionário comum a todos, sendo sorteado um problema e um tipo deficiência para debate das questões e

encenação de uma situação do cotidiano que representasse tais dificuldades como podemos observar nos quadros 1 e 2.

### **Quadro 1 (Atividade com o grupo focal).**

---

#### **Atividade em Grupo**

1 – Apresentação de pequeno vídeo de introdução ao tema INCLUSÃO (Inclusão – Uma lição de bondade), disponível no YOUTUBE.

Link: <https://www.youtube.com/watch?v=8j39wx-XyQY>

2 – Apresentação de slides com a proposta da pesquisa: objetivo, justificativa, metodologia e referencial teórico que embasa a temática.

3 – Atividade: situações problema.

- Divisão da turma em 4 grupos.

- Cada grupo recebeu aleatoriamente uma situação e um problema para debater.

- Questões iguais para todos os grupos, para serem respondidas de acordo com a situação e o problema.

- Encenação de sua situação problema de acordo com a situação e o problema sorteado para cada grupo (apresentação para o grande grupo).

Situações: Necessidades físicas motoras (cadeirante).

Necessidades físicas motoras (muletas).

Necessidades sensoriais (baixa visão).

Necessidades cognitivas (autismo).

Problemas: Ambiente escolar (sala de aula).

Apropriação dos espaços (acessibilidade).

Abordagem.

Inclusão sem exclusão.

---

Fonte: Produzido pelo Autor.

### **Quadro 2 (questionário proposto para o grupo focal).**

---

#### **Questionário/grupo focal.**

1 – De acordo com a situação problema o que você entende por inclusão? Conhece ou já ouviu falar de leis para estes indivíduos?

2 – Cada necessidade tem sua característica particular, como o grupo apresentaria uma situação de inclusão de acordo com a sua situação problemas?

3 – Qual a importância da afetividade de colegas, professores e funcionários para que este indivíduo se sinta incluído? Descreva uma situação.

4 – Na sua graduação é trabalhado o tema inclusão em alguma disciplina? Como o ensino superior poderia proporcionar uma formação mais adequada em relação ao tema?



5 – De acordo com a situação e o problema proposto organize em grupo uma cena que represente a importância da inclusão e afetividade dos colegas.

---

Fonte: Produzido pelo Autor.

Este momento de resposta dos questionários e elaboração de uma cena para apresentação foi de importante contribuição para a pesquisa, pois foi possível observar a tensão dos grupos em elaborar tais situações em virtude das problemáticas apresentadas durante a atividade. Foi possível constatar que as barreiras físicas foram bem destacadas, com situações e experiências do cotidiano, algo inerente ao curso de geografia que trabalha muito os espaços e sua observação, mas o que mais se destacou, e vem bem ao propósito da pesquisa foi a questão da afetividade nas encenações, as mobilizações através das emoções comprovam a sua importância nas questões referentes ao processo de inclusão.

Sintetizando foram demonstrados diálogos de compreensão e afetividade em conjunto a superação de barreiras no que diz respeito ao acesso em certos ambientes, este conjunto de ações foi satisfatório, pois se vê que na graduação apesar de não se ter no currículo uma formação para o tema inclusão, algo extremamente importante para um curso de licenciatura, utiliza-se da Geografia em nossas ações e observações, mesmo que inconscientemente.

A atividade foi bem aceita pelo grupo e de grande esclarecimento, pois foram trabalhados conceitos e a legislação atual deixando uma semente da importância da inclusão e da afetividade nesse processo.

Torna-se interessante neste momento como a geografia se torna fundamental para entender as barreiras aparentes no cotidiano em relação a percepção do espaço de acordo com a situação de um deficiente físico-motor, o “pensar” e “decifrar” o espaço antes de se apropriar dele é algo desafiador para um indivíduo com necessidades físicas motoras, como exemplo trago a situação do autor, desse trabalho, deficiente físico-motor que em um dia chuvoso para chegar até o campus V da UFPel onde se localiza o curso de Geografia, tem a necessidade de se apropriar do espaço observar se é possível caminhar de maneira segura pelos pisos molhados e escorregadios, algo perigoso para uma necessidade motora que necessita de muletas para a locomoção, fato que os outros alunos do curso não precisam levar em consideração, pois não possuem tal necessidade de observação mais profunda do piso para poder se apropriar daquele espaço, procura-se trazer este exemplo de maneira simples de uma situação normal do cotidiano para melhor demonstrar o olhar do deficiente físico-motor em relação ao espaço.

## Considerações Finais

Com a realização do grupo focal no curso de Geografia pode-se diagnosticar, a utilização do conceito de espaço geográfico no que diz respeito a sua percepção, principalmente nas encenações das situações realizadas pelos grupos, pois ficou bem caracterizado nas representações o “olhar” diferenciado de um sujeito com alguma necessidade física para se apropriar de qualquer ambiente, tendo que observar variantes ou obstáculos que demais indivíduos sem tais necessidades pode-se passar despercebido, como, piso molhado, degraus, portas estreitas, adaptações em banheiros e outros.

No entanto observou-se pouco entendimento das questões relativas à inclusão principalmente nas leis abordadas e relacionadas a educação, sendo unânime a presença de mais atividades para esclarecimento do tema durante a graduação, principalmente nas licenciaturas.

A afetividade mesmo que não declarada, esteve sempre presente nas encenações dos grupos, pois pode se observar a ajuda de outras pessoas para mobilizar o deficiente físico-motor a superar as dificuldades através de ações de afeto, algo claro nas encenações propostas no grupo focal, como, ajuda a cadeirantes para ultrapassar obstáculos físicos, ou até mesmo uma simples fila dentro do transporte público, também encenado nesta atividade, em que o fato de ceder o lugar para uma pessoa com necessidades físicas pode-se caracterizar como um ato mobilizador de afetividade.

É de grande importância que as instituições se adaptem as leis de inclusão para receberem estes ingressantes no ensino superior em equidade de acesso e oportunidades, pois deficientes são os ambientes que não proporcionam igualdade na apropriação de seus espaços.

O aprofundamento desta pesquisa continua abrindo várias outras oportunidades de estudo e propostas relativas ao tema inclusão, destacando a importância da geografia para o aprofundamento nas questões relativas a percepção do espaço, algo satisfatório para esclarecimentos de alguns conceitos de importante conhecimento social, podendo surgir inúmeras perguntas e dúvidas relativas a temática, aspectos fundamentais para a observação de novas investigações.

## Referências:

BRASIL. Lei Brasileira de Inclusão (LBI nº 13.146/2015).

BRASIL. Ministério da Educação. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. LDB 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Decreto nº 3.298, de 20 de dezembro de 1999.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Política Nacional de Educação Especial. Brasília: MEC/SEESP, 1994.

MANTOAN, M. T. E. **Caminhos pedagógicos da inclusão**. São Paulo: Memnon, edições científicas, 2001.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como Fazer?** São Paulo: Moderna. 2001.

MATURANA, H. **Emoções e linguagens na educação e na política**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

MATURANA, H; DÁVILA, X. Y. **Habitar o humano: em seis ensaios de Biologia-Cultural**. São Paulo: Palas Athena, 2009.

MEIER M. J.; KUDLOWIES S. **Grupo focal: uma experiência singular**. Texto Contexto Enferm. p.394-9. 2003

MORAES, R. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, 2006.

RODRIGUES, D. **Dez idéias (mal) feitas sobre a educação inclusiva**. In: RODRIGUES, David (Org.). **Inclusão e Educação: Doze Olhares Sobre a Educação Inclusiva**. São Paulo: Summus, 2006.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**. Técnica e tempo. Razão e emoção. 2 ed. São Paulo: Hucitec 1997.

SANTOS, M. **Metamorfoses do Espaço Habitado**. 3 ed. São Paulo: Hucitec, 1994.

SASSAKI, R. K. **Inclusão: Construindo uma sociedade para todos**. 6. ed. Rio de Janeiro: WVA, 2005.

SASSAKI, R. K. **Inclusão: O Paradigma do Século 21**. **Inclusão: Revista da Educação Especial**. Brasília: Secretaria de Educação Especial, nº 1, 2005.

SCOTT Jr, Valmôr. **A afetividade no Direito e na Educação: considerações à formação de professores a partir de Miguel Arroyo**. **Revista Virtual P@rtes** (São Paulo). Setembro de 2014. Disponível em <http://www.partes.com.br/2014/09/26/a-afetividade-no-direito-e-na-educacao-consideracoes-a-formacao-de-professores-a-partir-de-miguel-arroyo/>

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**. São Paulo: Difel, 1983.

TUAN, Yi Fu. **Topofilia: Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. New Jersey da tradução: DIFEL I Difusão Editorial S. A, 1980.

WALLON, H. (1941-1995). **A evolução psicológica da criança**. Lisboa, Edições 70, 1975.

Recebido para publicação em junho de 2017.

Aprovado para publicação em julho de 2017.